TIA DÉCO

Tia Déco
de letra co
próximas
letra Tia Lira
Pereira da
inspiração
letra Kabel
Arte

é um tipo
m relações
ao tipo de
a, de Manuel
Silva, com
no tipo de
e no estilo
Déco.

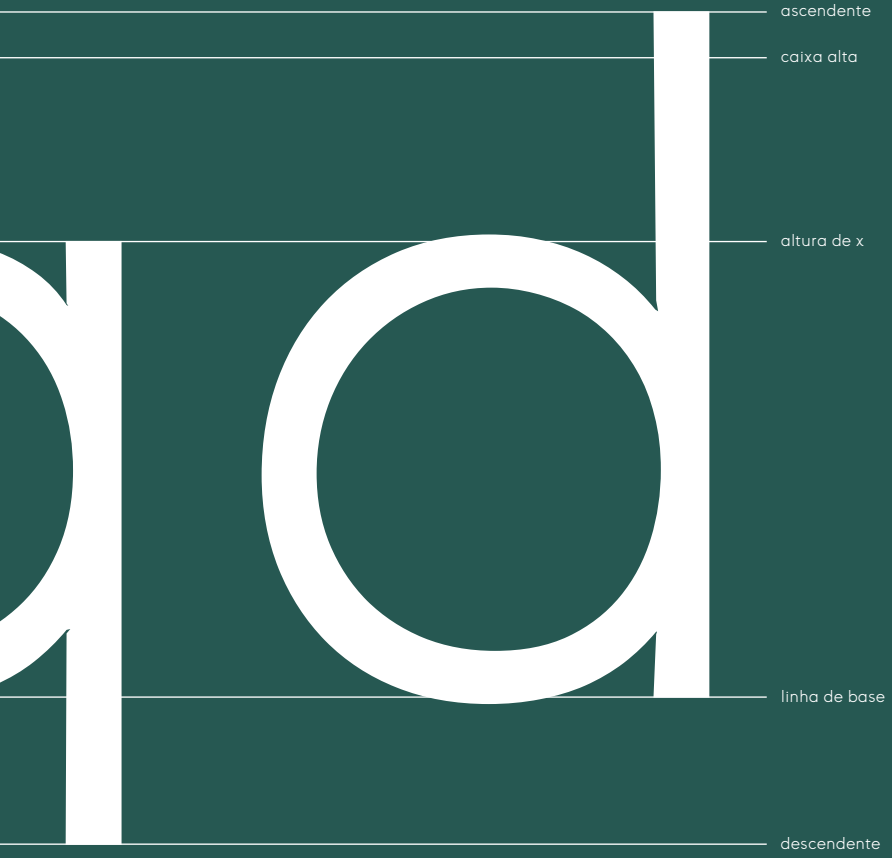
X

Tia Déco é um revivalismo da fonte Tia Lira de Manuel Pereira da Silva que acentua as influências estéticas do estilo arte déco, resultando numa fonte geométrica experimental de caráter moderno, com fortes influências dos anos 20. É uma fonte para o século XXI com um caráter arrojado e versátil, sem perder a legibilidade e regularidade necessárias para a sua utilização em todo o tipo de contextos.

Esta fonte possui um eixo de variação horizontal que cria uma versão expandida da Tia Déco, enfatizando ainda mais o seu caráter arrojado. Nesta versão a fonte adquire um maior destaque visual, sendo ideal para títulos, branding ou outras situações de realce e ênfase visual.

Este projeto foi desenvolvido pelas estudantes Alexandra Aidos, Fátima Ribeiro e Francisca Paixão para a unidade curricular Design de Tipos, lecionada pelo docente Pedro Amado, do Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

To


ascendente
caixa alta
altura de x
linha de base
descendente

A B C D E F

M N O P Q

X Y Z a b c d

l m n o p q

y z À Á Â Ã

Ì Ò Ó Ô Õ

ã ç è é ê ì í

û 1 2 3 4 5

F G H I J K L

R S T U V W

d e f g h i j k

r s t u v w x

Ç É È Ê Ì Í Î

Ù Ú Û à á â

î ò ó ô õ ù ú

5 6 7 8 9 0

Big Blonde de Dorothy Parker 12 pt

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso,

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

Quando já trabalhava há alguns anos no estabelecimento de vestidos, conheceu Herbie Morse. Ele era magro, rápido, atraente, com linhas móveis em torno dos seus

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

Quando já trabalhava há alguns anos no estabelecimento de vestidos, conheceu Herbie Morse. Ele era magro, rápido, atraente, com linhas móveis em torno dos seus olhos castanhos brilhantes e um hábito de morder ferozmente a pele à volta das unhas. Bebia bastante; ela achava isso divertido. O seu cumprimento habitual para ele era uma alusão ao seu estado na noite anterior.

"Oh, que grande borracheira apanhaste," costumava dizer, através do seu riso fácil. "Pensei que ia morrer, com a maneira como continuavas a pedir ao empregado para dançar contigo."

Ela gostou dele imediatamente ao conhecê-lo. Divertia-se imensamente com suas frases rápidas e arrastadas, suas interpolações de frases adequadas de atos de vaudeville e tiras cômicas; emocionava-se com a sensação do braço magro dele firme sob a manga do seu casaco; queria tocar na superfície molhada e lisa do seu cabelo. Ele também foi imediatamente atraído por ela. Casaram-se seis semanas depois de se terem conhecido.

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

Quando já trabalhava há alguns anos no estabelecimento de vestidos, conheceu Herbie Morse. Ele era magro, rápido, atraente, com linhas móveis em torno dos seus olhos castanhos brilhantes e um hábito de morder ferozmente a pele à volta das unhas. Bebia bastante; ela achava isso divertido. O seu cumprimento habitual para ele era uma alusão ao seu estado na noite anterior.

"Oh, que grande borracheira apanhaste," costumava dizer, através do seu riso fácil. "Pensei que ia morrer, com a maneira como continuavas a pedir ao empregado para dançar contigo."

Ela gostou dele imediatamente ao conhecê-lo. Divertia-se imensamente com suas frases rápidas e arrastadas, suas interpolações de frases adequadas de atos de vaudeville e tiras cômicas; emocion-

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

"Oh, que grande borracheira apanhaste," costumava dizer, através do seu riso fácil. "Pensei que ia morrer, com a maneira como continuavas a pedir ao empregado para dançar contigo."

Ela gostou dele imediatamente ao conhecê-lo. Divertia-se imensamente com suas frases rápidas e arrastadas, suas interpolações de frases adequadas de atos de vaudeville e tiras cômicas; emocionava-se com a sensação do braço magro dele firme sob a manga do seu casaco; queria tocar na superfície molhada e lisa do seu cabelo. Ele também foi imediatamente atraído por ela. Casaram-se seis semanas depois de se terem conhecido.

Ela estava encantada com a ideia de ser noiva; brincava com isso, explorava isso. Já tivera outras propostas de casamento, e não poucas, mas acontecia que todas vinham de homens corpulentos e sérios que visitavam o estabelecimento de vestidos como compradores; homens de Des Moines, Houston, Chicago e, na sua expressão, até lugares mais engraçados. Sempre havia algo imensamente cômico para ela na ideia de viver em qualquer lugar que não fosse Nova Iorque. Não conseguia considerar sérias as propostas de partilhar uma residência no oeste.

Ela queria casar-se. Estava perto dos trinta agora, e os anos não lhe faziam bem. Ela alargava e suavizava, e o seu cabelo que escurecia levou-a a experiências inexperientes com peróxido. Houve momentos em que tinha pequenos lampejos de medo em relação ao seu trabalho. E ela tinha passado milhares de noites sendo uma boa companheira entre os seus conhecidos masculinos. Ela tornou-se mais consciente do que espontânea a esse respeito.

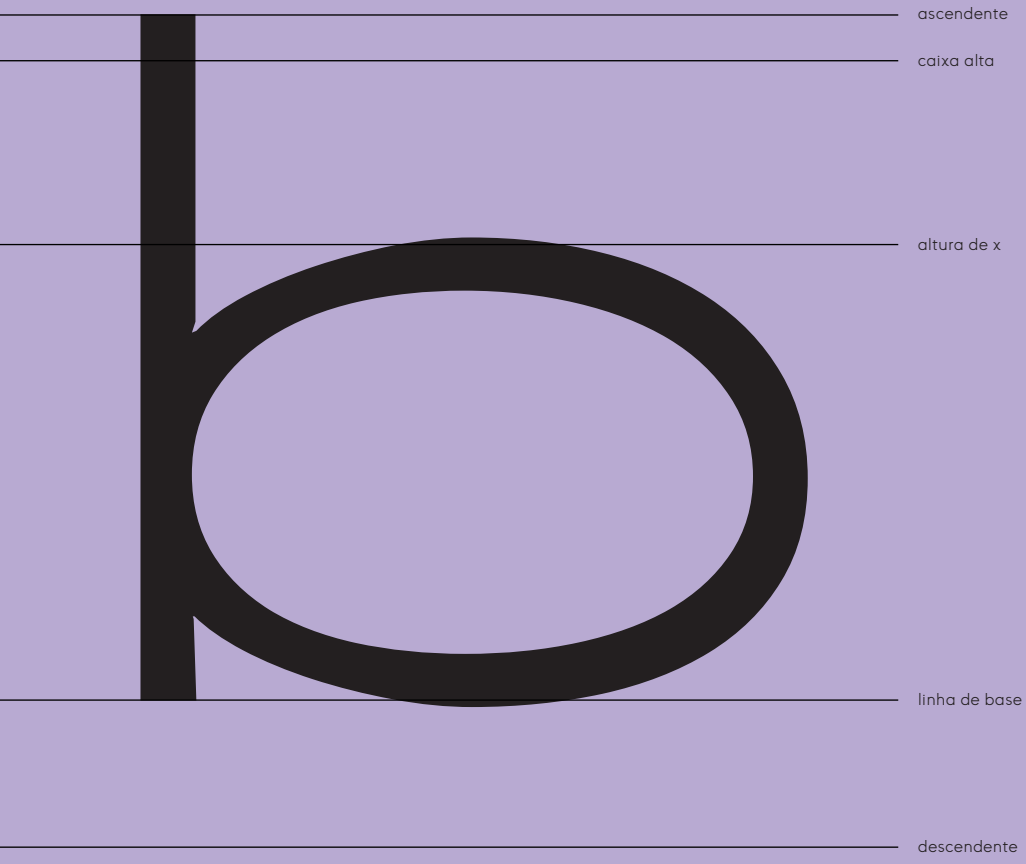
Herbie ganhava o suficiente, e eles alugaram

TIA LIRA

AA
DD

REGULAR EXPANDED

lg


ascendente
caixa alta
altura de x
linha de base
descendente

A B C D E

L M N O P

U W X Y Z

g h i j k l m

s t u v w x

Ã Ç É È Ê Ì

Õ Ù Ú Û à

é ê ì í î ò ó

1 2 3 4 5

F G H I J K

Q R S T U

a b c d e f

m n o p q r

k y z À Á Â

Í Î Ï Ò Ó Ô

á â ã ç è

ô õ ù ú û

6 7 8 9 0

Big Blonde de Dorothy Parker 12 pt

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

Quando já trabalhava há alguns anos no estabelecimento de vestidos, conheceu Herbie Morse. Ele era magro, rápido, atraente, com linhas móveis em torno dos seus olhos castanhos brilhantes e um hábito de morder ferozmente a pele à volta das unhas. Bebia bastante; ela achava isso divertido. O seu cumprimento habitual para ele era uma alusão ao seu estado na noite anterior.

"Oh, que grande borracheira apanhaste," costumava dizer, através do seu riso fácil. "Pensei que ia morrer, com a maneira como continuavas a pedir ao empregado para dançar contigo."

Ela gostou dele imediatamente ao conhecê-lo. Divertia-se imensamente com suas frases rápidas e arrastadas, suas interpolações de frases adequadas de atos

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

Quando já trabalhava há alguns anos no estabelecimento de vestidos, conheceu Herbie Morse. Ele era magro, rápido, atraente, com linhas móveis em torno dos seus olhos castanhos brilhantes e um hábito de morder ferozmente a pele à volta das unhas. Bebia bastante; ela achava isso divertido. O seu cumprimento habitual para ele era uma alusão ao seu estado na noite anterior.

"Oh, que grande borracheira apanhaste," costumava dizer, através do seu riso fácil. "Pensei que ia morrer, com a maneira como continuavas a pedir ao empregado para dançar contigo."

Hazel Morse era uma mulher alta e clara do tipo que incita alguns homens, quando usam a palavra "loira", a estalar a língua e abanar a cabeça com ar maroto. Orgulhava-se dos seus pés pequenos e sofria por vaidade, prendendo-os em sapatos de salto alto e biqueira curta, do menor tamanho suportável. As coisas curiosas nela eram as mãos, terminações estranhas dos braços flácidos e brancos salpicados com manchas pálidas — mãos longas e trémulas com unhas profundas e convexas. Não deveria desfigurá-las com pequenas jóias.

Não era uma mulher dada a recordações. Nos seus trinta e poucos anos, os seus dias antigos eram uma sequência desfocada e cintilante, um filme imperfeito, lidando com as ações de estranhos.

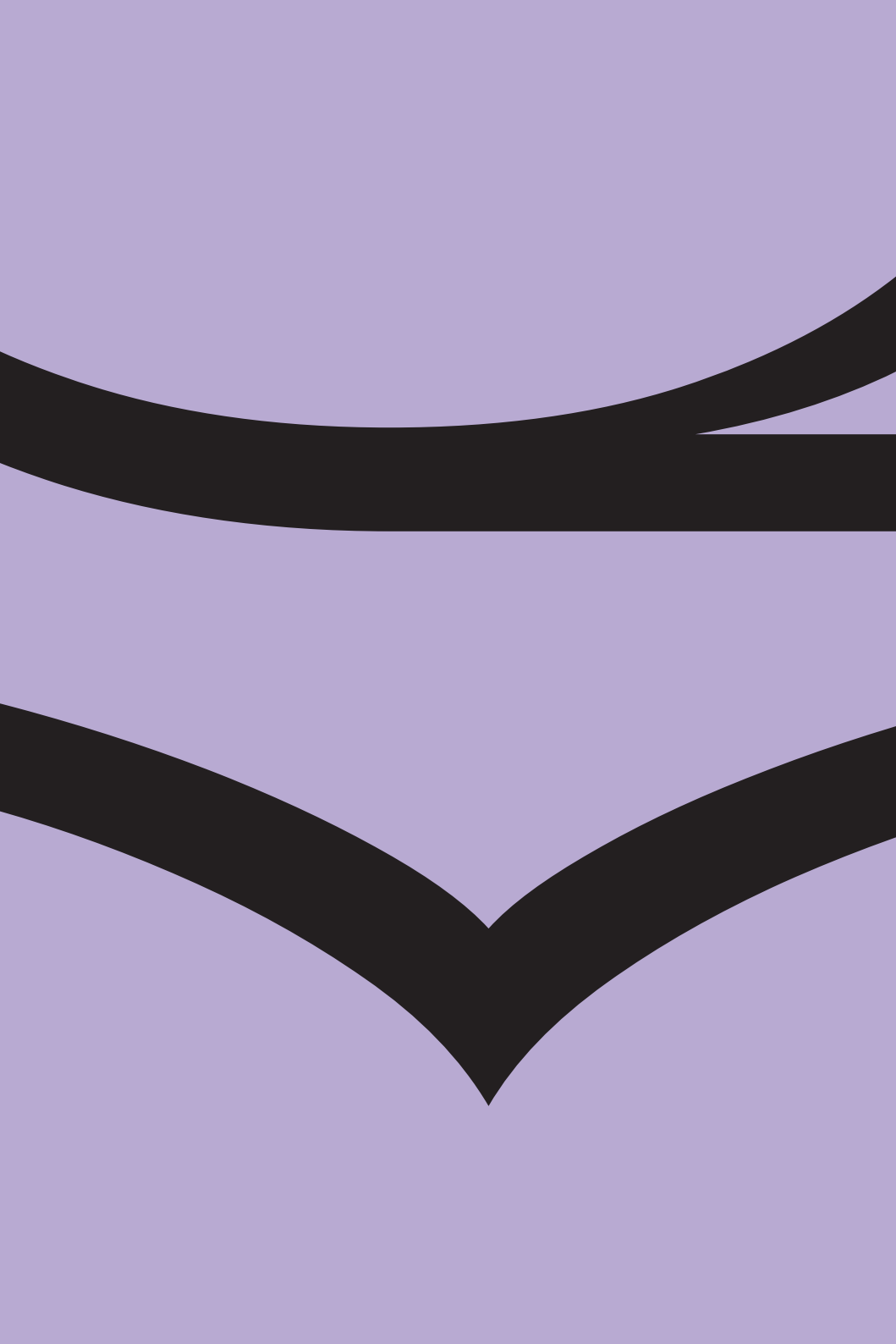
Nos seus vinte anos, após a morte adiada de uma mãe viúva vaga, tinha sido empregada como modelo num estabelecimento de vestidos por grosso — ainda era o tempo da mulher grande, e ela era então colorida e erecta e de seios altos. O seu trabalho não era oneroso, e conheceu muitos homens e passou muitas noites com eles, rindo das suas piadas e dizendo-lhes que adorava as suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela dava como certo que a simpatia de muitos homens era algo desejável. A popularidade parecia-lhe valer todo o esforço que tinha de ser posto para a alcançar. Os homens gostavam de ti porque eras divertida, e quando gostavam de ti levavam-te a sair, e lá estavas tu. Assim, e com sucesso, ela era divertida. Era uma boa companheira. Os homens gostam de uma boa companheira.

Nenhuma outra forma de divertimento, mais simples ou mais complicada, lhe chamava a atenção. Nunca ponderava se poderia estar melhor ocupada a fazer outra coisa. As suas ideias, ou, melhor, as suas aceitações, corriam paralelas às das outras loiras substancialmente construídas nas quais encontrava as suas amigas.

"Oh, que grande borracheira apanhaste," costumava dizer, através do seu riso fácil. "Pensei que ia morrer, com a maneira como continuavas a pedir ao empregado para dançar contigo."

Ela gostou dele imediatamente ao conhecê-lo. Divertia-se imensamente com suas frases rápidas e arrastadas, suas interpolações de frases adequadas de atos de vaudeville e tiras cômicas; emocionava-se com a sensação do braço magro dele firme sob a manga do seu casaco; queria tocar na superfície molhada e lisa do seu cabelo. Ele também foi imediatamente atraído por ela. Casaram-se seis semanas depois de se terem conhecido.

Ela estava encantada com a ideia de ser noiva; brincava com isso, explorava isso. Já tivera outras propostas de casamento, e não poucas, mas acontecia que todas vinham de homens corpulentos e sérios que visitavam o estabelecimento de vestidos como compradores; homens de Des Moines, Houston, Chicago e, na sua expressão, até lugares mais engraçados. Sempre havia algo imensamente cômico para ela na ideia de viver em qualquer lugar que não fosse Nova Iorque. Não conseguia considerar sérias as propostas de partilhar uma residência no oeste.



! ?

• •

- / / \ \ : ; ! ? #

( ) { | } [ ] ' ' " "

_ – — … ‹ › « » '

" . , & fi f fl

@ € ¤ + * ^ < =

> % –. ± × ÷ ¦ ~

(geométrica)
(geométrica)
[assimétrica]
[assimétrica]
{experimental}
{experimental}
#moderno
#moderno
100 - 125%
100 - 125%
@FBAUP
@FBAUP

&

ouro & prata

fi

fino

fl

fluidez

DECOBAR

Caipirinha 3€
Uma mistura refrescante de cachaça, limão, açúcar e gelo.

Mojito 5€
Um coquetel com rum, hortelã, limão, açúcar e água com gás.

Cosmopolitan 4.2€
Um drink com vodka, licor de laranja, suco de cranberry e limão.

Gin Fizz 8€
Uma combinação de gin, sumo de limão, açúcar e água com gás.

Negroni 8.5€
Um clássico italiano com gin, vermute e Campari.

Margarita 9€
Um coquetel com tequila, sumo de limão e licor de laranja.

Daiquiri 7€
Uma mistura tropical de rum, sumo de limão e açúcar.

Bloody Mary 10€
Um coquetel feito com vodka, suco de tomate e especiarias.l

Pina Colada 9€
Um coquetel doce com rum, creme de coco e sumo de abacaxi.

Cerveja 1€
Cerveja artesanal com alcoól fermentada a partir de grãos de cevada.

MockTail 4€
Uma bebida sem álcool, imitando coquetéis tradicionais.

Stout 2.5€
Uma cerveja escura e encorpada, com sabores de malte torrado.

DECOBAR

Caipirinha 3€
Uma mistura refrescante de cachaça, limão, açúcar e gelo.

Mojito 5€
Um coquetel com rum, hortelã, limão, açúcar e água com gás.

Cosmopolitan 4.2€
Um drink com vodka, licor de laranja, suco de cranberry e limão.

Gin Fizz 8€
Uma combinação de gin, sumo de limão, açúcar e água com gás.

Negroni 8.5€
Um clássico italiano com gin, vermute e Campari.

Margarita 9€
Um coquetel com tequila, sumo de limão e licor de laranja.

Daiquiri 7€
Uma mistura tropical de rum, sumo de limão e açúcar.

Bloody Mary 10€
Um coquetel feito com vodka, suco de tomate e especiarias.l

Pina Colada 9€
Um coquetel doce com rum, creme de coco e sumo de abacaxi.

Cerveja 1€
Cerveja artesanal com alcoól fermentada a partir de grãos de cevada.

MockTail 4€
Uma bebida sem álcool, imitando coquetéis tradicionais.

Stout 2.5€
Uma cerveja escura e encorpada, com sabores de malte torrado.

Ryan Murphy Apresenta:

AMERICAN HORROR STORY

HOTEL

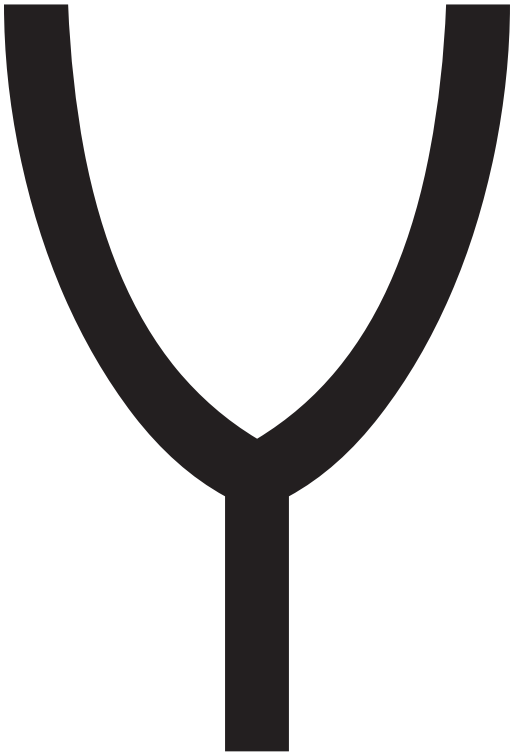
A quinta temporada de American Horror Story, intitulada "Hotel", estreou em outubro de 2015. A temporada é ambientada no sinistro e glamoroso Hotel Cortez, em Los Angeles. Lady Gaga estrela como A Condessa, a enigmática e elegante proprietária do hotel que possui uma sede insaciável por sangue e um gosto por extravagância. A trama principal gira em torno do detetive John Lowe (interpretado por Wes Bentley), que investiga uma série de assassinatos horríveis conhecidos como os "Assassinatos dos Dez Mandamentos". Enquanto isso, o passado macabro do Hotel Cortez é revelado através das histórias dos seus residentes, tanto vivos quanto mortos. Outros personagens notáveis incluem Iris (Kathy Bates), a gerente do hotel; Donovan (Matt Bomer), amante da Condessa; Sally (Sarah Paulson), uma viciada em drogas presa ao hotel; e James Patrick March (Evan Peters), o fundador do Hotel Cortez e um assassino em série. A temporada explora temas como vício, amor, redenção e a busca pela imortalidade, misturando horror com uma estética luxuosa e decadente. "Hotel" recebeu elogios pela atuação de Lady Gaga, que ganhou um Globo de Ouro de Melhor Atriz em Minissérie ou Telefilme por seu papel.

Ryan Murphy Apresenta:

AMERICAN HORROR STORY

HOTEL

A quinta temporada de American Horror Story, intitulada "Hotel", estreou em outubro de 2015. A temporada é ambientada no sinistro e glamoroso Hotel Cortez, em Los Angeles. Lady Gaga estrela como A Condessa, a enigmática e elegante proprietária do hotel que possui uma sede insaciável por sangue e um gosto por extravagância. A trama principal gira em torno do detetive John Lowe (interpretado por Wes Bentley), que inv ez é revelado através das histórias dos seus residentes, tanto vivos quanto mortos. Outros personagens notáveis incluem Iris (Kathy Bates), a gerente do hotel; Donovan (Matt Bomer), amante da Condessa; Sally (Sarah Paulson), uma viciada em drogas presa ao hotel; e James Patrick March (Evan Peters), o fundador do Hotel Cortez e um assassino em série. A temporada explora temas como vício, amor, redenção e a busca pela imortalidade, misturando horror com uma estética luxuosa e decadente. "Hotel" recebeu elogios pela atuação de Lady Gaga, que ganhou um Globo de Ouro de Melhor Atriz em Minissérie ou Telefilme por seu papel.



THE GREAT GATSBY

STARRING LEONARDO DICAPRIO AS JAY GATSBY, TOBEY MAGUIRE AS NICK CARRAWAY, CAREY MULLIGAN AS DAISY BUCHANAN, JOEL EDGERTON AS TOM BUCHANAN, ISLA FISHER AS MYRTLE WILSON, AND ELIZABETH DEBICKI AS JORDAN BAKER. FEATURING JASON CLARKE AS GEORGE WILSON AND AMITABH BACHCHAN AS MEYER WOLFSHEIM. DIRECTED BY BAZ LUHRMANN. SCREENPLAY BY BAZ LUHRMANN AND CRAIG PEARCE. BASED ON THE NOVEL BY F. SCOTT FITZGERALD. PRODUCED BY BAZ LUHRMANN, CATHERINE MARTIN, DOUGLAS WICK, AND LUCY FISHER. MUSIC BY CRAIG ARMSTRONG. CINEMATOGRAPHY BY SIMON DUGGAN. EDITED BY MATT VILLA AND JASON BALLANTINE. PRODUCTION DESIGN BY CATHERINE MARTIN AND KAREN MURPHY.

THE GREAT GATSBY

STARRING LEONARDO DICAPRIO AS JAY GATSBY, TOBEY MAGUIRE AS NICK CARRAWAY, CAREY MULLIGAN AS DAISY BUCHANAN, JOEL EDGERTON AS TOM BUCHANAN, ISLA FISHER AS MYRTLE WILSON, AND ELIZABETH DEBICKI AS JORDAN BAKER. FEATURING JASON CLARKE AS GEORGE WILSON AND AMITABH BACHCHAN AS MEYER WOLFSHEIM. DIRECTED BY BAZ LUHRMANN. SCREENPLAY BY BAZ LUHRMANN AND CRAIG PEARCE. BASED ON THE NOVEL BY F. SCOTT FITZGERALD. PRODUCED BY BAZ LUHRMANN, CATHERINE MARTIN, DOUGLAS WICK, AND LUCY FISHER. MUSIC BY CRAIG ARMSTRONG. CINEMATOGRAPHY BY SIMON DUGGAN. EDITED BY MATT VILLA AND JASON BALLANTINE. PRODUCTION DESIGN BY CATHERINE MARTIN AND KAREN MURPHY.

Alexandra Aidos

Fátima Ribeiro

Francisca Paixão